

O pai da Igreja Justino (110-165)

Justino Mártir nasceu em Flavia Neapolis, uma cidade de Samaria. A data de seu nascimento é incerta, mas pode ser fixada em meados de 114 d.C. Seu pai e seu avô eram provavelmente de origem romana. Antes de sua conversão ao cristianismo, estudou nas escolas dos filósofos, procurando depois de algum conhecimento satisfazer os desejos de sua alma.

Por fim, ele tornou-se familiarizado com o cristianismo, sendo ao mesmo tempo impressionado com a coragem extraordinária que os cristãos exibiam sua fé diante da morte, e também a verdade dos ensinamentos do Antigo Testamento.

A partir disso ele foi envolvido no trabalho evangelístico, proclamando o evangelho como a única filosofia segura e certa, a única forma de salvação. É provável que ele viajasse muito. Sabe-se que ele passou um tempo em Éfeso, e provavelmente deve ter vivido por um período considerável em Roma. Provavelmente, ele se estabeleceu em Roma como um professor cristão. Enquanto ele estava lá, os filósofos, especialmente os cínicos, conspiravam contra ele.

Os principais fatos da vida de Justino são atestados a partir de seus próprios escritos. Há pouca pista para as datas. Fica acordado por uma parte de historiadores que ele viveu no reinado de Antonino Pio, conforme o testemunho de Eusébio.

Os escritos de Justino Mártir estão entre as mais importantes obras do segundo século. Ele não foi o primeiro a escrever um pedido de desculpas em nome dos cristãos, mas suas desculpas são a mais antiga existente. Elas são caracterizadas por um intenso fervor cristão, e elas dão uma visão sobre as relações existentes entre pagãos e cristãos na sua época. Sua outra escrita principal é o diálogo com Trifão, é a primeira exposição elaborada das razões o qual ele considerou Cristo como o Messias do Velho Testamento, e também a tentativa sistemática de expor a falsa posição dos judeus em relação ao cristianismo.

Muito dos escritos de Justino pereceu. As obras que sobreviveram com seu nome foram divididas em três classes. A primeira classe engloba aquelas que são, sem dúvida, verdadeiras: “as duas apologias, e o diálogo com Trifão”. Alguns críticos pediram objeções contra a autoria do Diálogo de Justino, mas as objeções são consideradas nulas.

A segunda classe é composta por essas obras que foram consideradas por alguns críticos como não sendo de Justino. Elas são: Um Discurso aos gregos, a exortação para os gregos, o governo único de Deus, epístola a Diogneto, fragmentos de uma obra sobre a Ressurreição e outros fragmentos. Seja qual for a dificuldade que houve em resolver a autoria desses tratados, há apenas uma opinião quanto à sua precocidade. O mais recente deles, com toda a probabilidade, não foi escrito mais tarde do que o terceiro século.

A terceira classe é constituída por aquelas que, sem dúvida, não são as obras de Justino. Estas são: uma exposição da verdadeira fé, respostas para os ortodoxos, perguntas cristãs aos gentios; perguntas dos gentios aos cristãos, epístola aos Zenas e Sereno, e a refutação de certas doutrinas de Aristóteles. Não há nenhuma pista para a data dos dois últimos. Não pode haver dúvida de que os outros foram escritos depois do Concílio de Nicéia, no entanto, após a Reforma, Calvino e outros apelaram para o primeiro como uma verdadeira escrita de Justino.¹

O discurso da divindade de Jesus por Justino

O Capítulo XLVIII. A divindade de Cristo. Trifo exige que seja estabelecido que Ele é o Cristo.

E Trifo disse: “Ouvimos o que você disse sobre estas questões. Retomemos o discurso de onde parou, e vamos colocar um fim nisso. Para alguns, parece-me ser paradoxal, e totalmente incapaz de se provar. Quando você diz que esse tal de Cristo existiu como Deus, antes dos séculos, então, porque ele submeteu a nascer e tornar-se o homem, ainda que ele não era o homem do homem, esta [declaração] parece-me ser não apenas um paradoxo, mas também tola .”

E eu respondi: “Eu sei que a afirmação parece ser paradoxal, especialmente para aqueles que estão sempre dispostos a entender ou executar as [exigências] de Deus”.¹⁴⁸

“Agora, Trifo, eu continuarei [a prova] que este homem ¹⁴⁹ é o Cristo de Deus e não falha, apesar de eu não ser capaz de provar que Ele existiu anteriormente como Filho do Criador de todas as coisas, sendo Deus, e nasceu por uma virgem sem a participação de um homem”.

“Mas desde que eu certamente provei que esse homem é o Cristo de Deus, ou quem quer que seja, mesmo que eu não prove a sua pré-existência e sabendo que todo homem ao nascer homem está condicionado às mesmas paixões que nós, tendo um corpo, de acordo com a vontade do Pai, neste último caso digo que errei, não em negar que ele é o Cristo mesmo nascendo homem dos homens, mas Ele tornou-se Cristo por eleição segundo minha concepção”.

Pois há alguns dos meus companheiros, ¹⁵⁰ que admitem que Ele é o Cristo, mesmo nascido de uma concepção normal, o qual eu não concordo,¹⁵¹ embora a maioria das pessoas tem as mesmas opiniões que eu, uma vez que fomos intimados a usar a fé em doutrinas humanas.”¹⁵²

¹Roberts, Alexander ; Donaldson, James ; Coxe, A. Cleveland: The Ante-Nicene Fathers Vol.I : Translations of the Writings of the Fathers Down to A.D. 325. Oak Harbor : 1997, S. 159

¹⁴⁸ Comp. Isa. xxix. 13.

¹⁴⁹ Or, “such a man.”

¹⁵⁰ Some read, “of *your* race,” referring to the *Ebionites*. Maranus believes the reference is to the Ebionites, and supports in a long note the reading “our,” inasmuch as Justin would be more likely to associate these Ebionites with Christians than with Jews, even though they were heretics.

¹⁵¹ Langus translates: “Nor would, indeed, many who are of the same opinion as myself say so.”

¹⁵² [Note this emphatic testimony of primitive faith.]